

Conversa a dois

- Alfredo José Gonçalves -

- Meu nome é Caneta, represento o Sr. Poder.
- Prazer! Eu me chamo Revólver. Dizem que represento a Sra. Violência. Outros acham que simbolizo também a Ordem, a Segurança Nacional... E outras bobagens desse tipo.
- Bobagens? O que há de bobagem nisso?
- Embora eu seja tido como símbolo da violência, não é verdade que a represento.
- Como? Tua boca cospe chumbo, teus olhos chispam faíscas, tuas narinas soltam fumaça, tua presença é aterradora... E ainda dizes que não representas a violência?
- Precisamente. Tudo isso não passa de mera aparência.
- Aparência? Então te vejo todo dia nos campos, ruas, becos, botequins e nos lugares mais sórdidos da cidade? Não é aí que resides?
- Eu, até que sim; a violência, não! Esta habita antes palácios e gabinetes, passeia pelas mesas e escritórios, gosta do luxo e do requinte. Nas ruas mora o reflexo da violência; ora, o reflexo mascara e falseia a realidade.
- Não consigo entender mais nada!
- Meu rosto é violento, sim! Mas meu coração pode não sê-lo. Tu, ao contrário, embora representes o trabalho ordeiro e honesto, vive muitas vezes sob o signo de uma profunda, histórica e estrutural violência.
- Cada vez entendo menos!
- Simples! Minha voz é estarrecedora, reconheço. Porém quase nunca é tão prejudicial como o teu silêncio. Minha fala é um rugir de leão, a tua um miado de gato. És bonita, leve e pacífica; eu sou rude, pesado e barulhento. Contudo, mentes: tua aparência pode ser o invólucro de uma crueldade oculta.
- Falas por enigmas. Não podes ser mais claro?
- Muito bem! O que é que mata mais: a bala ou a lei? O que é mais destruidor: o fogo que vomito ou os decretos que assinas? Não se pode confundir ato violento com violência. Por trás do ato violento, pode revelar-se uma profunda aspiração de justiça e de paz; ao passo que, na base de um comportamento pacífico, pode esconder-se a mais brutal violência.
- Lei é lei, deve ser cumprida. Eu apenas a ponho no papel, nada mais!
- Aí está a violência: quando estabelece que alguém é patrão, outro operário; que este é senhor, aquele é escravo; que um é proprietário, outro trabalhador... Já decretaste a condenação de milhões de seres humanos.
- E tu os eliminas. Não és menos culpado e violento.
- Eu mato um ou dois. Tu, com teu caminhar macio sobre o papel, matas aos milhares. Tuas leis ocasionam migrações forçadas, desemprego em massa, miséria, fome... De minha parte, não faço mais do que ultimar tuas sentenças. Sou a mão armada de tuas ordens, a extensão de teu braço assassino. Serves o forte e obrigas-me igualmente a servi-lo. Eu fico manchado de sangue, tu és a ferocidade em pessoa.
- Tu és a morte a queima-roupa. Não te esquives sob a imagem de falsa inocência.
- Não, não sou a morte! Apenas sua exterioridade. A morte reside na injustiça de teus planos, documentos, títulos... No fundo de tua legitimidade nutres uma vontade férrea e sanguinária. Quanto a mim, ajo muitas vezes a partir de um ardente impulso de paz. Caminho muito com o pobre que ansiosamente procura justiça, enquanto tu és companheira do rico que faz de ti uma arma de extermínio.
- Daqui a pouco vais dizer que até tua existência depende de mim!
- O que não deixa de ser real. Sou, na verdade, teu filho. Se quisesses, o metal de que sou feito poderia converter-se em enxadas, tratores, máquinas... Enfim, em ferramentas de trabalho. Aliás, estou cansado de fazer a guerra. Mil vezes preferiria ser instrumento de paz.
- E com isso, até eu não precisaria mais escrever a cada dia manchetes de sangue.
- E nós dois poderíamos colocar um ponto final nesta discussão!